

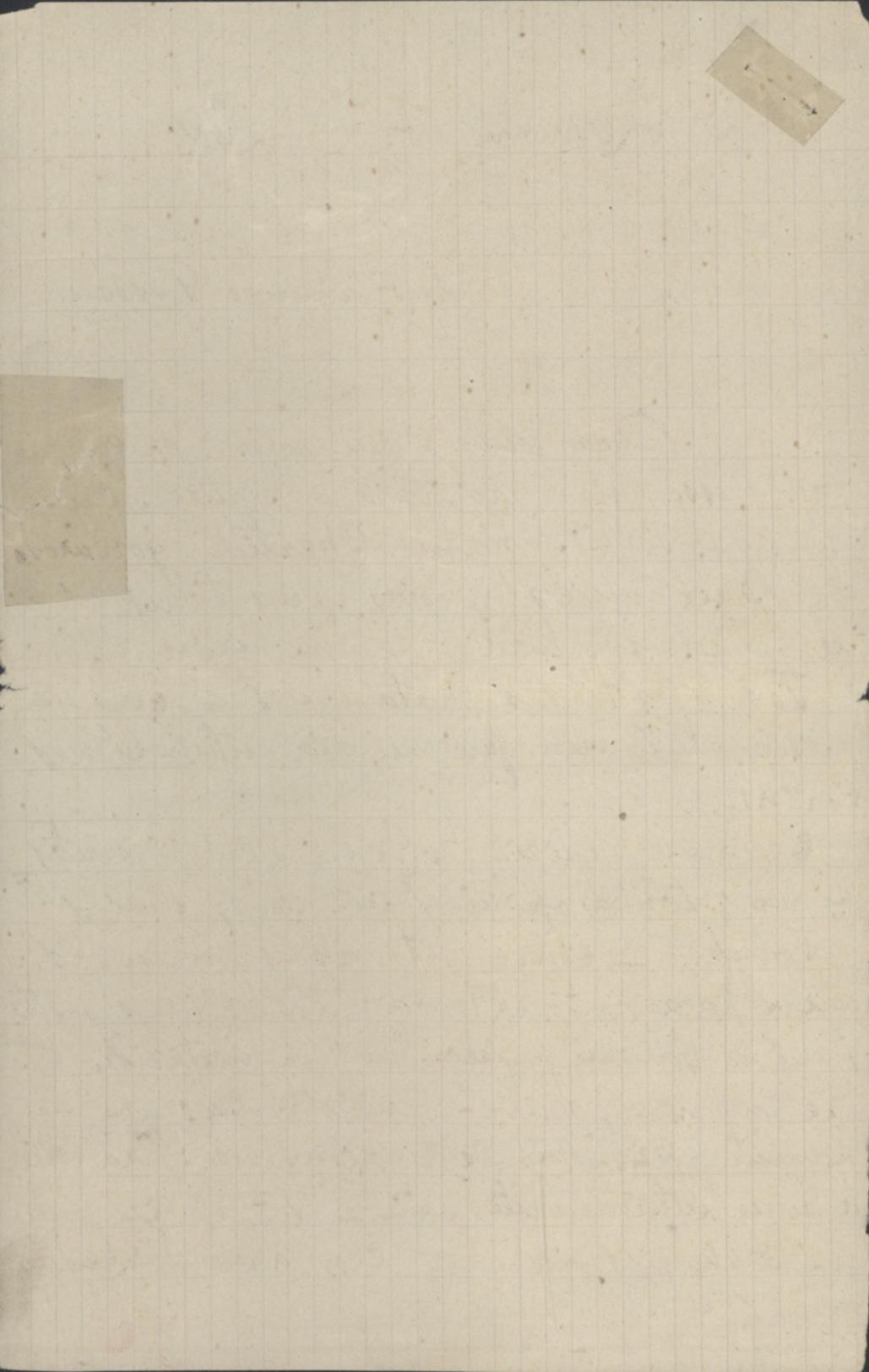
# O Homem dos Sombos.

A Fernando Pessoa

Nunca soube o seu nome. Ojugo que era russo, mas não tenho a certeza. Conheci-o em Paris, num Chartier gorduroso do Boul' Miché, nos meus tempos de estudante falido de medicina.

Todas as tardes juntávamos a mesma mesa, de forma que um dia entabulámos conversa.

Era um espirito original e interessante; tinha opiniões bizarras, ideias estranhas — como estranhas eram as suas palavras, extravagantes os seus gestos. Aquêlle homem parecia-me um mistério. Não me enganava, soube-o mais tarde: era um homem feliz. Não estou divagando: era um homem inteiramente feliz — tão feliz que nada lhe poderia aniquilar a sua felicidade.

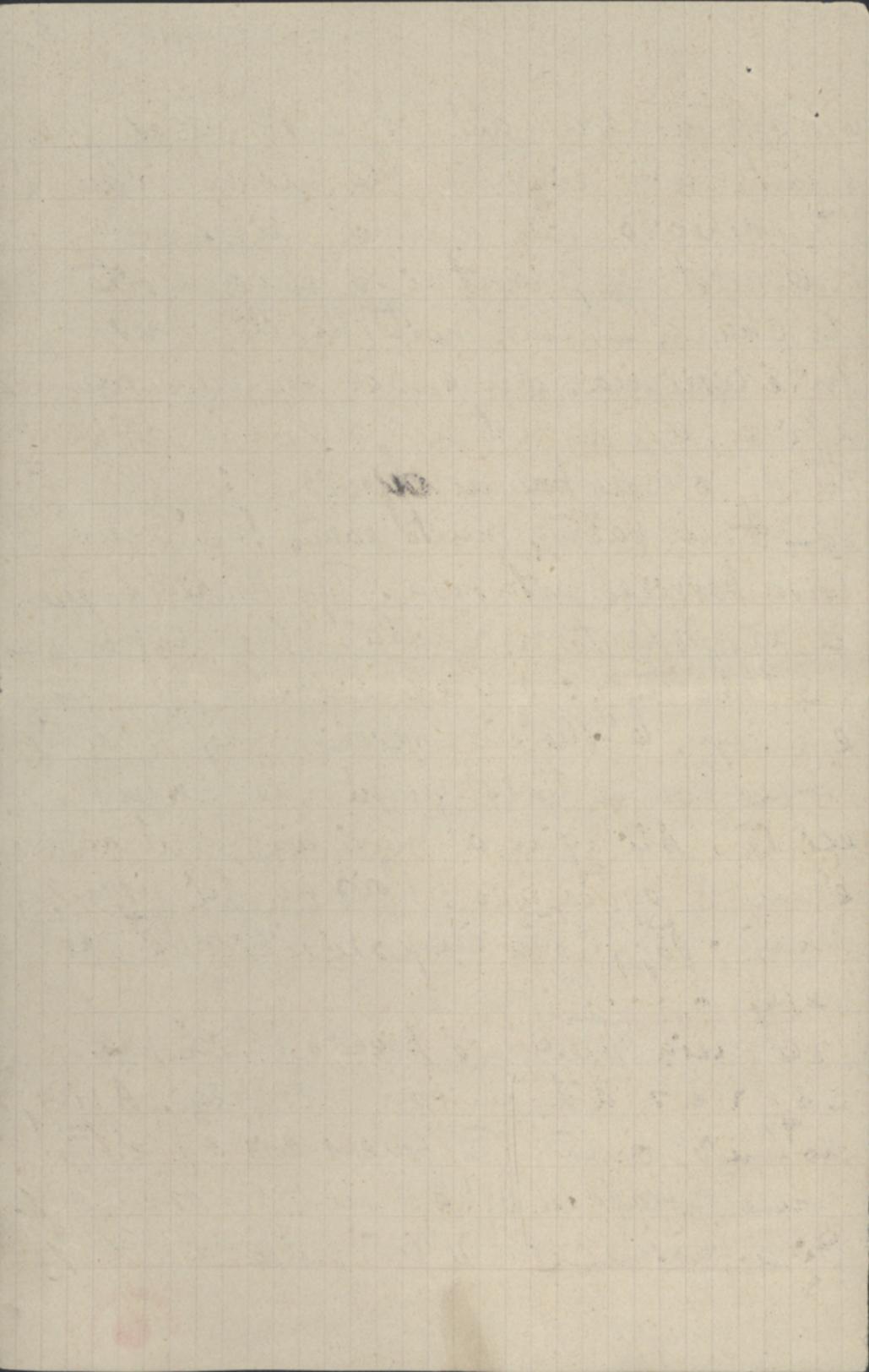


É costume dizer até aos meus amigos que o facto mais singular da minha vida é ter conhecido um bomem feliz.

O misterio, penetrei-o uma noite de chuva — uma noite muito densa, frigidissima. Eu encusara a vida, e, num tom que lhe não era habitual, o meu bomem ~~disse~~ <sup>disse</sup> :

« — Fui raro, muito raro ! É uma coisa horrivel esta vida. Tão horrivel que se não pode tornar bela ! Olhe um bomem que tenha tudo : saúde, dinheiro, gloria e amor. É-lhe impossivel desfer mais porque possui tudo quanto de formoso existe. Atingiu a maxima ventura e é um desgraçado. Pois ha lá desgraça maior do que a impossibilidade de desfer !...

« É creia que não é preciso muito para chegarmos a tamanha miseria. A vida, no fundo, contém tão poucas coisas, e tão poucas variadas... Olhe, em todos os campos. Dig-me: ainda se não esgotou das



comidas que lhe servem desde que nas-  
ceu? Enjou-se, é fatal, mas nunca  
as recusou porque é um homem, e  
não pode nem sabe dominar a vida.  
Chame os mais belos conhecidos, Todos  
lhe darão legumes e carnes — meia dúzia  
de espécies ~~de~~ vegetais, meia dúzia de  
espécies animais. Além, na terra, o  
que não for animal ou vegetal, é sem  
dúvida mineral... Eis o que demonstra  
bem a penúria inenunciável da natureza!

« E quanto aos sentimentos? Desculpe-me  
alguém que, no fim de contas, se não  
reduza a qualquer destes dois: amor  
ou ódio. E as sensações? Quas sempre:  
alegria e dor. Decididamente, na vida,  
anda tudo aos pares, como os sexos.  
A propósito: Conhece alguma coisa mais  
desoladora do que isto de só haver dois  
sexos?

« Voltando ao campo material. Arran-  
je-me um divertimento que não seja  
a religião, a arte, o teatro ou o esporte.

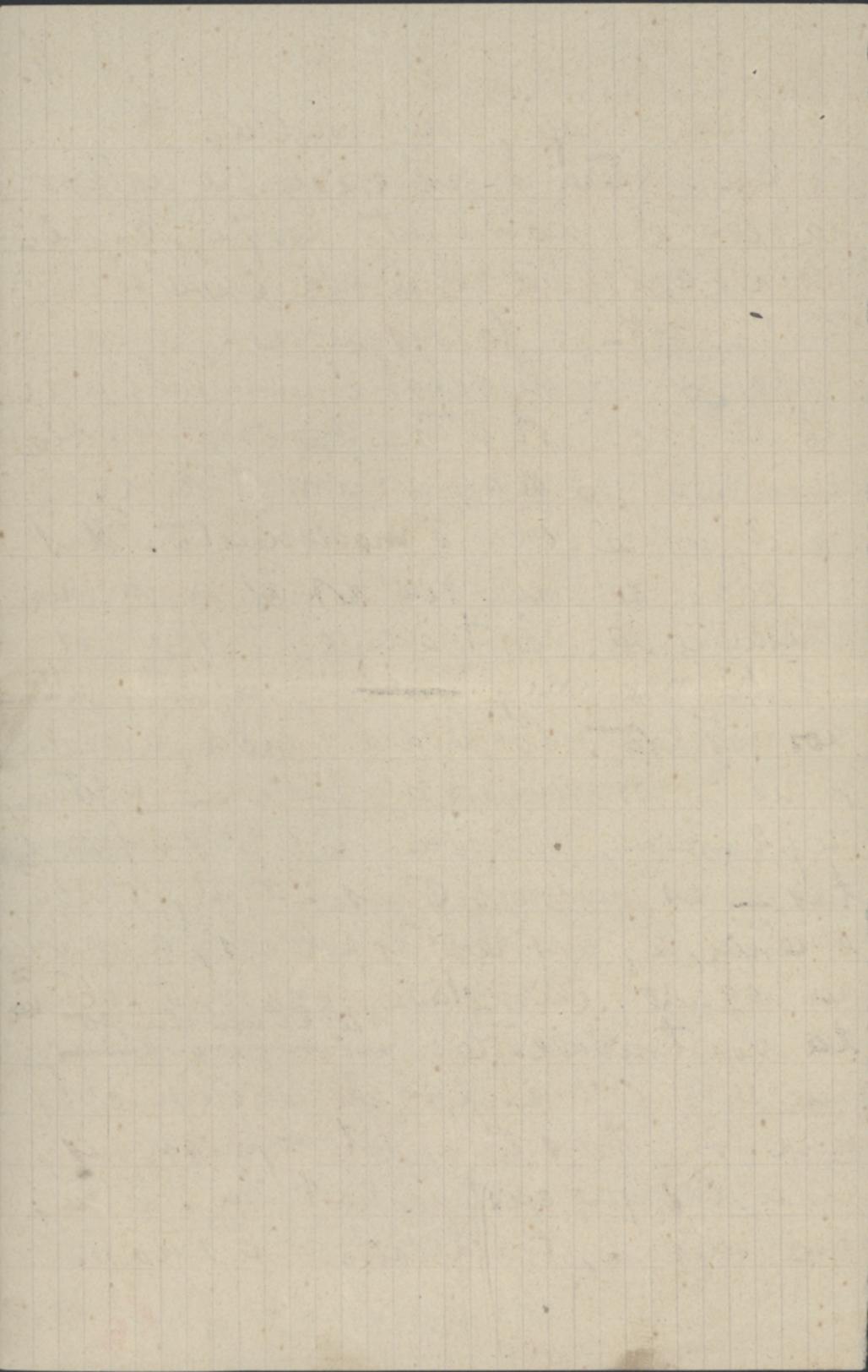
3

1872

etão me arrauça, aneguro - che.

« Com certeza é que existe de melhor na vida é o movimento porque, caminhandando com uma velocidade igual á do tempo, não-lo faz esquecer. Um comboio em marcha é uma máquina de devorar instantes - por isso, a vista mais bela que os homens inventaram.

« Viajar, é ver o movimento. Mas ao cabo de pouco viajarmos a mesma sensação da monotonicidade terrestre nos assalta, ~~monotonicamente~~ <sup>exatamente</sup>, bocejantemente nos assalta. Por toda a banda, o mesmo cenário, os mesmos accorios - montanhas ou planicies, mares ou pradarias e florestas - as mesmas cores: azul, verde e branca, e, nas regiões polares, a branca egual, ilimitado, expressão-ultima da monotonicidade. Eu sei <sup>(tive um amigo)</sup> ~~de uma~~ <sup>reflexão</sup> que se suicidou por che ser impossível conhecer outras cores, outras paisagens, além das que existem na terra. E eu, no seu caso, teria feito o mesmo ».



Sorri, ironicamente observando:

- Não o fez contudo...

- Ah! mas por quem me toma?... Eu conheço outras côres, conheço outros panoramas. Eu conheço o que quero!  
Eu tenho o que quero!

Fulgoravam. Ebe os estranhos olhos azuis; chegou-se mais para mim e gritou:

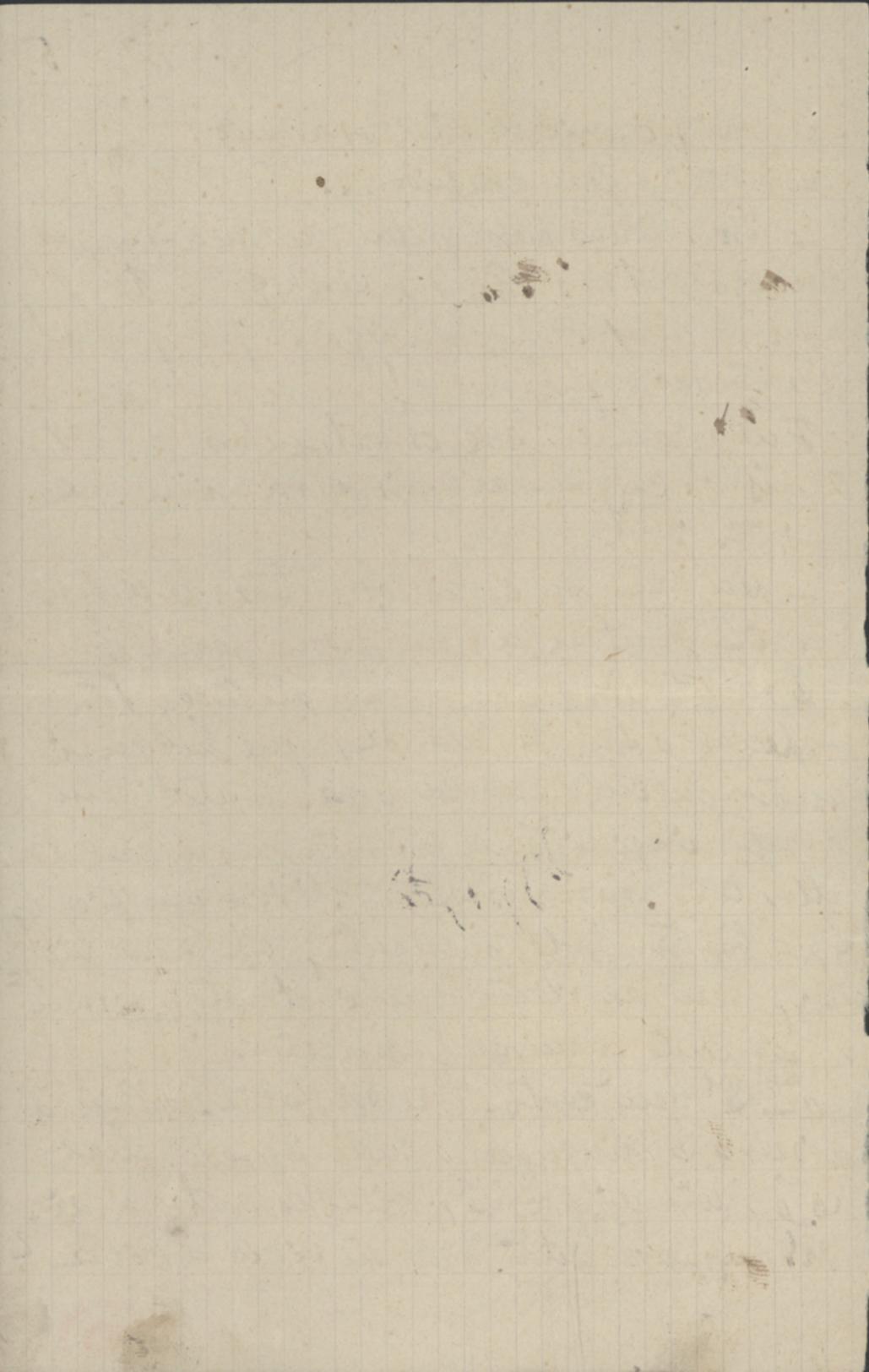
- Eu não sou como os outros. Eu sou feliz, entenda bem, sou feliz!

Era tão singular a sua atitude, tão especial o tom da sua voz, que fiquei estar ouvindo um louco, e senti um desejo infinito de pôr termo à conversa. Mas não havia pretexto. Tive que ficar, e, a partir deste momento, o homem ficou ro, sem se deter um instante, fez-me a seguinte admirável ênfase:

a - É bem certo. Eu sou feliz. Nunca dissera a ninguém o meu segredo. Mas hoje, não sei porquê, vou-lho contar a si. Ah! supunha então que eu vivia a vida?

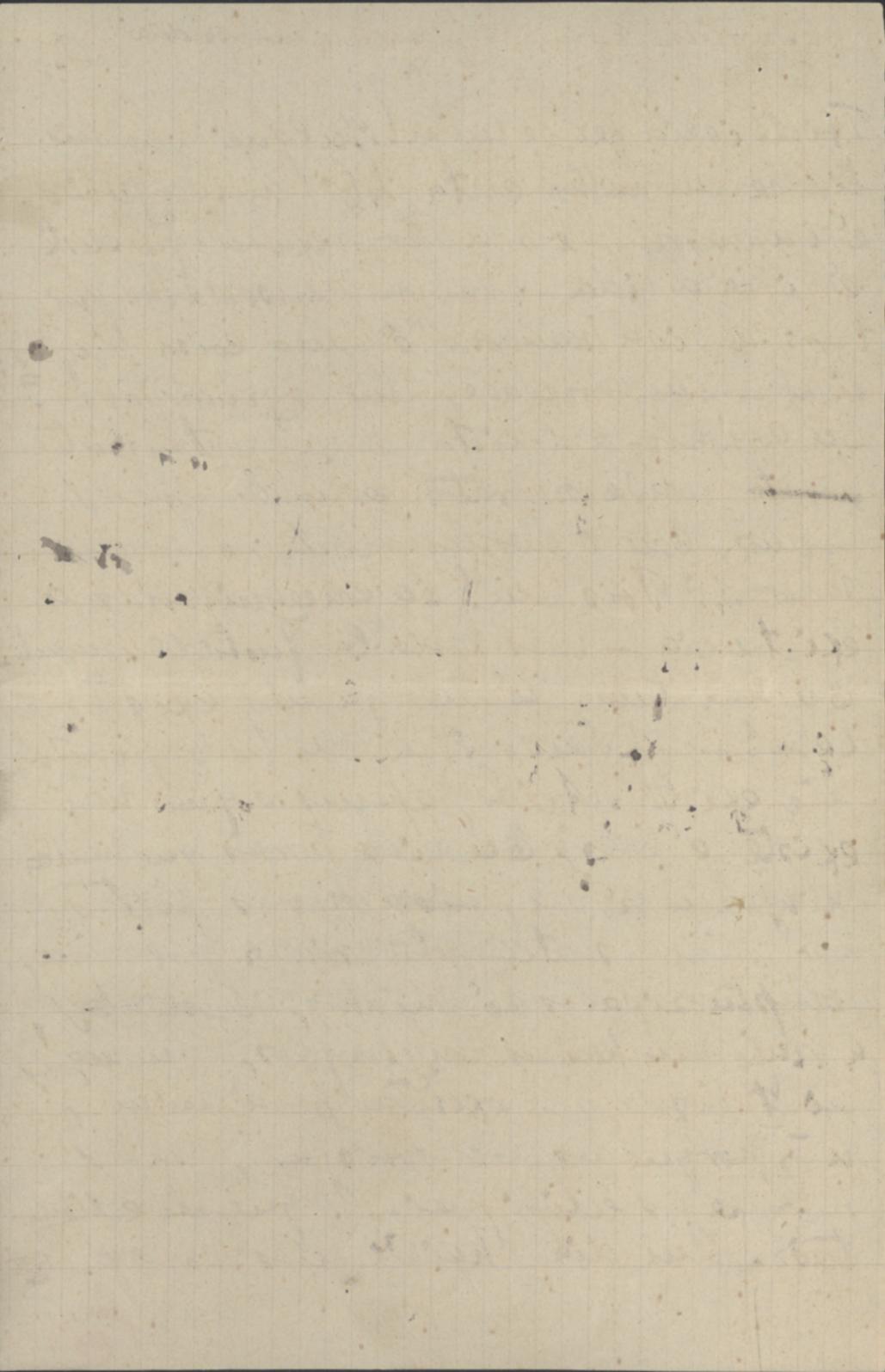
mehe caso





NSD/10  
Se a vivere, há muito já que teria morrido dela. O.

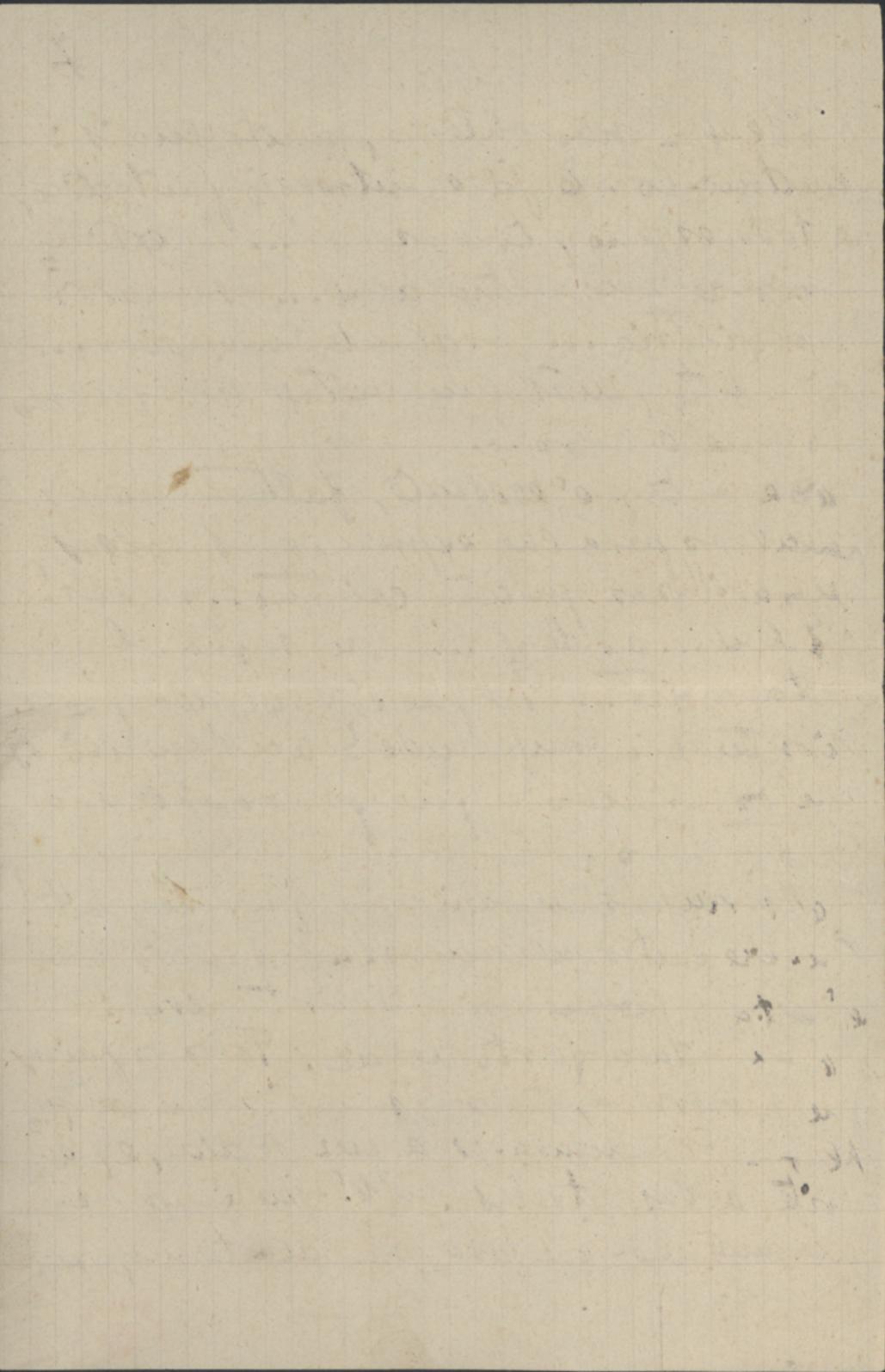
Triste ideia ser de mim! O que me  
tive em meu melhor conta. O meu orgulho  
é indomável, e o maior vexame que quero  
é viver a vida, e não me canso de lho que-  
rar: a vida humana é uma coisa impos-  
sível - sem variedade, sem originalidade.  
Eu comparei-a à lista dum restaurante  
~~feito~~ aonde os pratos refazem sempre os  
mesmos, com o mesmo aspecto, o mesmo  
sabor... Pois heu! Eu conseguirei a  
existência - mas varia-la quotidianamente.  
Eu não tenho só tudo quanto existe - por-  
quê? - eu tenho também tudo quanto  
não existe. (Aliás, apenas o que não  
existe é belo.) Eu vivo horas que nunca  
ninguém viveu, ~~vivo~~ horas feitas  
por mim, sentimentos criados por mim,  
voluptuosidades só minhas, ~~as minhas~~  
& vasto em países longínquos, em nascentes  
misteriosas, que existem para mim,  
não porque as descobri, mas  
porque as edifiquei. Porque eu edifico  
tudo. Um dia hei de mesmo erguer



O Ideal - não obti-lo, muito mais:  
 entrou-lo. E já o entrevejo fantástico,  
 e todo esquis, todo esquis... a exten-  
 quir-re em altura aml... e tempo  
 em vitória... resplandecendo oiro...  
 oiro não, mas um metal mais aureo  
 do que o ouro...

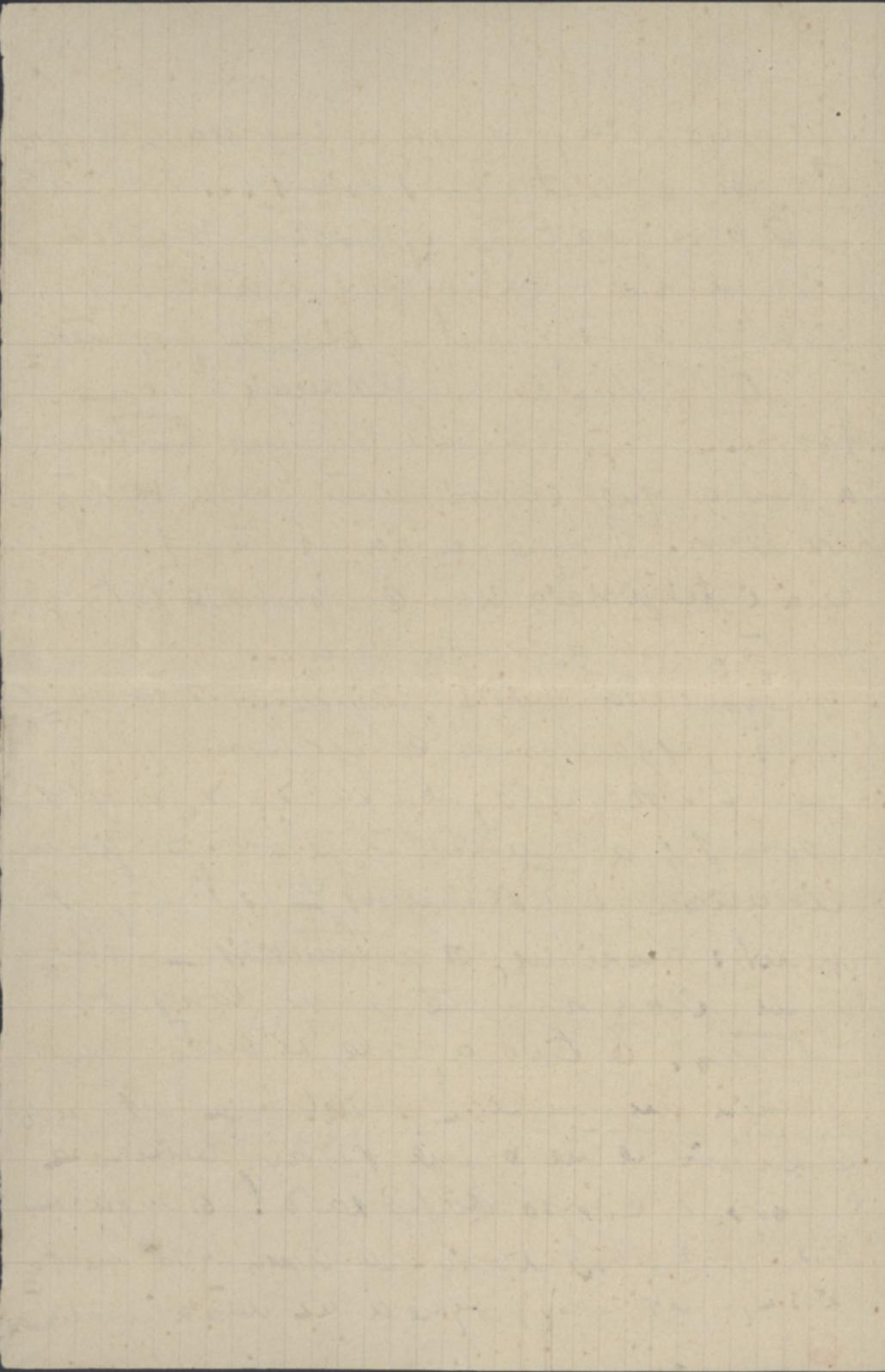
ade resto, e evidente, faltam-me as  
 palavras para lhe exprimir as coisas  
 maravilhosas que não existem... Ah!  
 O Ideal... o Ideal... Vou sonhar. E  
 esta noite... Porque é sonhando que eu  
 vivo tudo. Compreende? Eu dominei os  
sonhos. Soubo o que quero: Ver o  
que quero.

# As viagens maravilhosas que tenho feito!  
 Vou-lhe contar algumas... A mais bela  
 é esta, porque foi a mais temível:  
 "Eu estava farto de luz. Todos os países  
 que percorrera, todos os senários que entre-  
 plara, inundava-os a luz do dia, e, à  
 noite a das estrelas. Ah! que impressão  
 enervante me causava essa luz eterna, essa



Luz enfadonha, sempre a mesma, sempre  
tirando o misterio ás coisas... Min  
 parti para uma terra ignorada, perdida  
 em um mundo extra-real onde as  
 cidades e as florestas existem perpetua-  
 mente mergulhadas na mais densa  
 treva... stã ba palavras que traduziam  
 a hebra que experimentei nesse região  
 singular. Porque eu via as trevas. A  
 sua inteligência não compreende isto,  
 de certo, nem a de ninguém...

« Era uma capital incensa... Os boule-  
 vards rasgavam-se extensíssimos, sem  
 pre acontecendo, ladeados por grandes  
 arvores; a multidão fejava. Os girando  
 silenciosa, e os vehiculos - os treus, os  
 grandes omnibus, os automovais - roda-  
 vane isocronamente num clangor  
 soturno. È todo aquele silencio se  
reunia em musica. Ah! que estranho  
 calafrio de medo me rrou delirio e  
 o corpo dispersado! Em face  
 dos meus olhos abriu-se uma vida miste-  
 riosa, enfim, porque a luz não a iluminava.

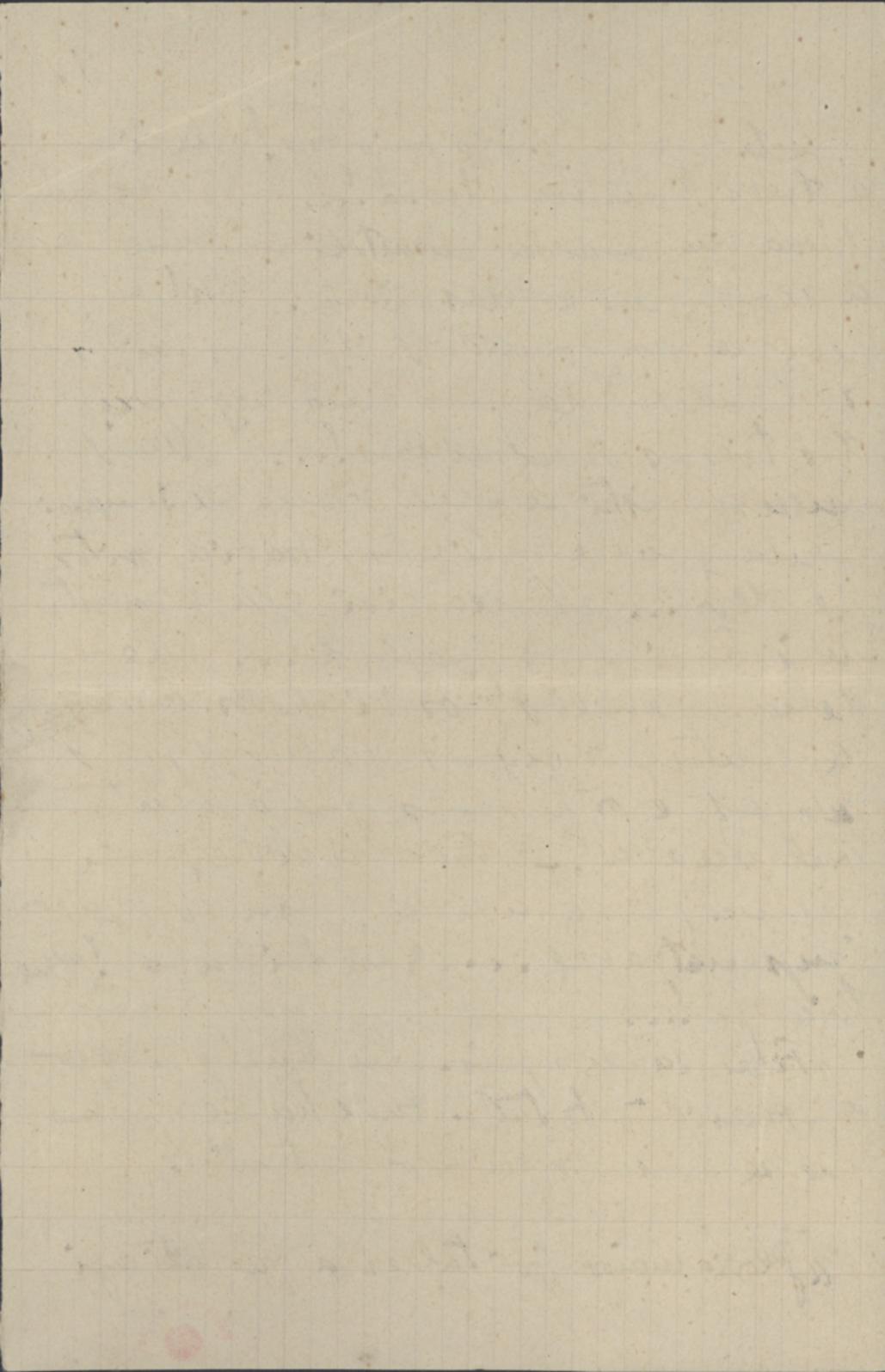


Espectaculo colosso e paroxo! Eu via  
 a terra! Eu via a terra!... No recanto  
 duma rua perdida encontrei dois amantes  
 a mordereem. e nas lóas. Ah! como  
 deviam ser grandiosos aqueles beijos  
 profundos na suprema negrura  
 das frezas sensuissimas!... Mais  
 longe avisti a cummeo de scarpas:  
 cruzavam-se estiletes, havia gritos  
 de dor... Nunca vivi um momento  
 mais tenivel do que esse... E  
 pelo arebaldes, os vinhedos carregados  
 de fructo, os trigais maduros, as  
 ceceiras e os pomares que o vento  
 baluceava... Toda a vida, em  
 mim, toda a vida, na escuridão  
 impenetravel... Que triumpho! Que  
 triumpho!...

Ficou sabido pois. Eu empegi por  
 a escuridão total. Onde ha alguma  
 que se possa orgulhar de tanto?

a gloria maior foi talvez a que atingi





na minha viagem a um mundo perfeito onde os sexos não são dois só...  
 pude ver labirintos de corpos entrelaçados a formarem-se numa cadeia de espasmos contínuos, sucessivos e actuais, que se prolongavam uns pelos outros em fuga distendida.... Infinito! Infinita! Era miraculosamente era, o cántico aureolado da carne, a partitura sublime da voluptuosidade que firmava todos esses sexos diferentes vibrando em turbilhões...  
 A vida a deslizar em ondas... a vida a deslizar em ondas!...

«Narrar - lhe todas as minhas viagens parecia impossível. E foi enquanto quero - lhe falar ainda do outro país.

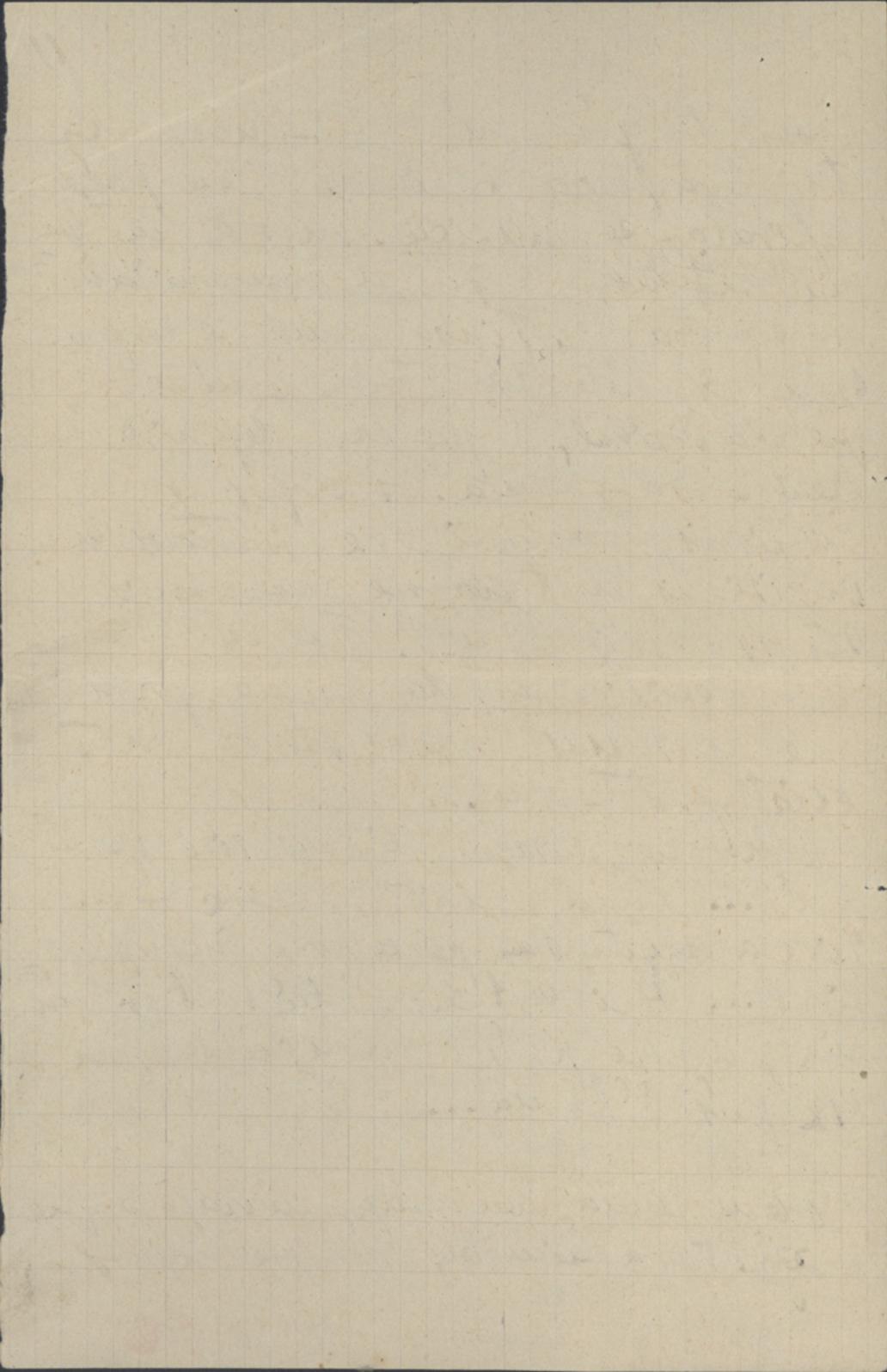
«Que estranho país esse... Tudo dum modo tão que lhe não posso descrever porque não existe - dum modo que não era coisa. É só no que residia justamente a sua beleza suprema. A atmosfera deste mundo, não a constituía ~~o~~ o ar

no. 911

nem outro gás nenhum — não era atmosfera, era musica. esse país respirava, se musica. Mas o que ba-  
 ria <sup>de mais</sup> singular era a humanidade  
 que o povoava. Tinha alma e corpo  
 como a gente da terra. Entretanto o  
 que era visível, o que era definido e  
 real — era a alma. Os corpos eram  
 invisíveis, desconhecidos e misteriosos como  
 invisíveis, misteriosas e desconhecidas  
 são as nossas almas. Talvez nem  
 sequer existissem, da mesma forma  
 que as nossas almas talvez não  
 existam também...

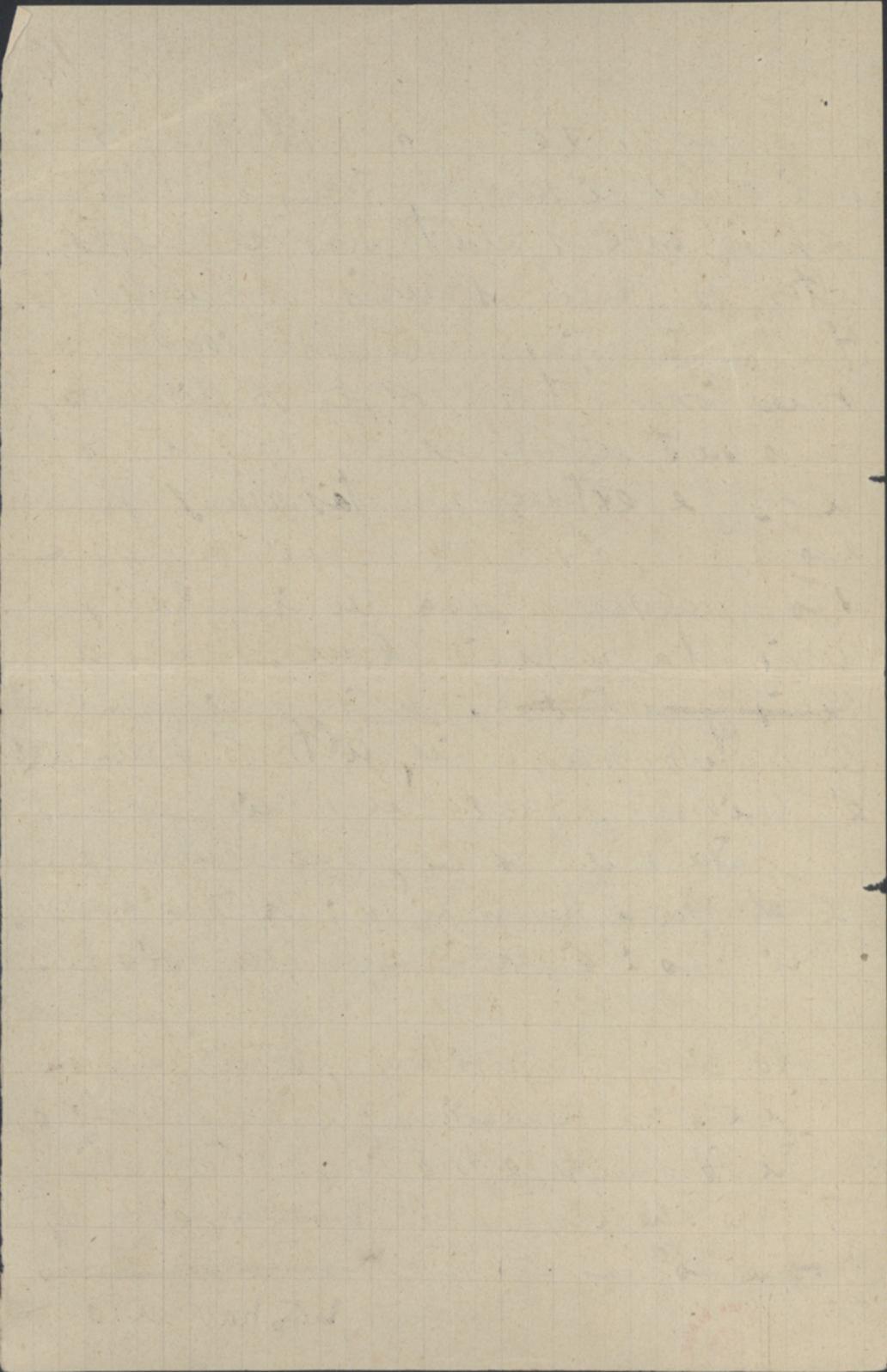
« Ah! que pensamentos divinos vivi nesse  
 país... O meu espirito ampliou...  
 Tive a noção de perceber o incompreen-  
 sível... Hei de talvez lá voltar um  
 dia, a esse país nem igual, a  
 esse país d'Alma...

« Com suma, meu amigo, eu viajo o que  
 desejo. Para mim há sempre novos



panoramas. Se quero montanhas, escuro  
de ir à Suíça; parto para outras  
regiões onde as montanhas são mais  
altas, os glaciares mais resplandecentes.  
Há para mim uma infinidade de  
cenários montanhosos, todos diversos,  
como há também mares que não são  
mares e extensões vastíssimas que  
não são montes nem planícies, que  
são qualquer coisa mais bela,  
mais alta ou mais plana — oufício,  
~~mais grandioso~~, mais sensível.  
O mundo, para mim, ultrapassou-se:  
é o Universo, mas um Universo que  
aumenta sem cessar, que sem cessar  
se alarga. Quer dizer; não é um  
universo: é mais alguma coisa.

No círculo espiritual, também para  
mim não há barreiras; e tenho sentido  
além do amor e do ódio, outros sentimentos  
que lhe não posso definir, e claro,  
porque só eu os vivo, porque se pare  
não havendo

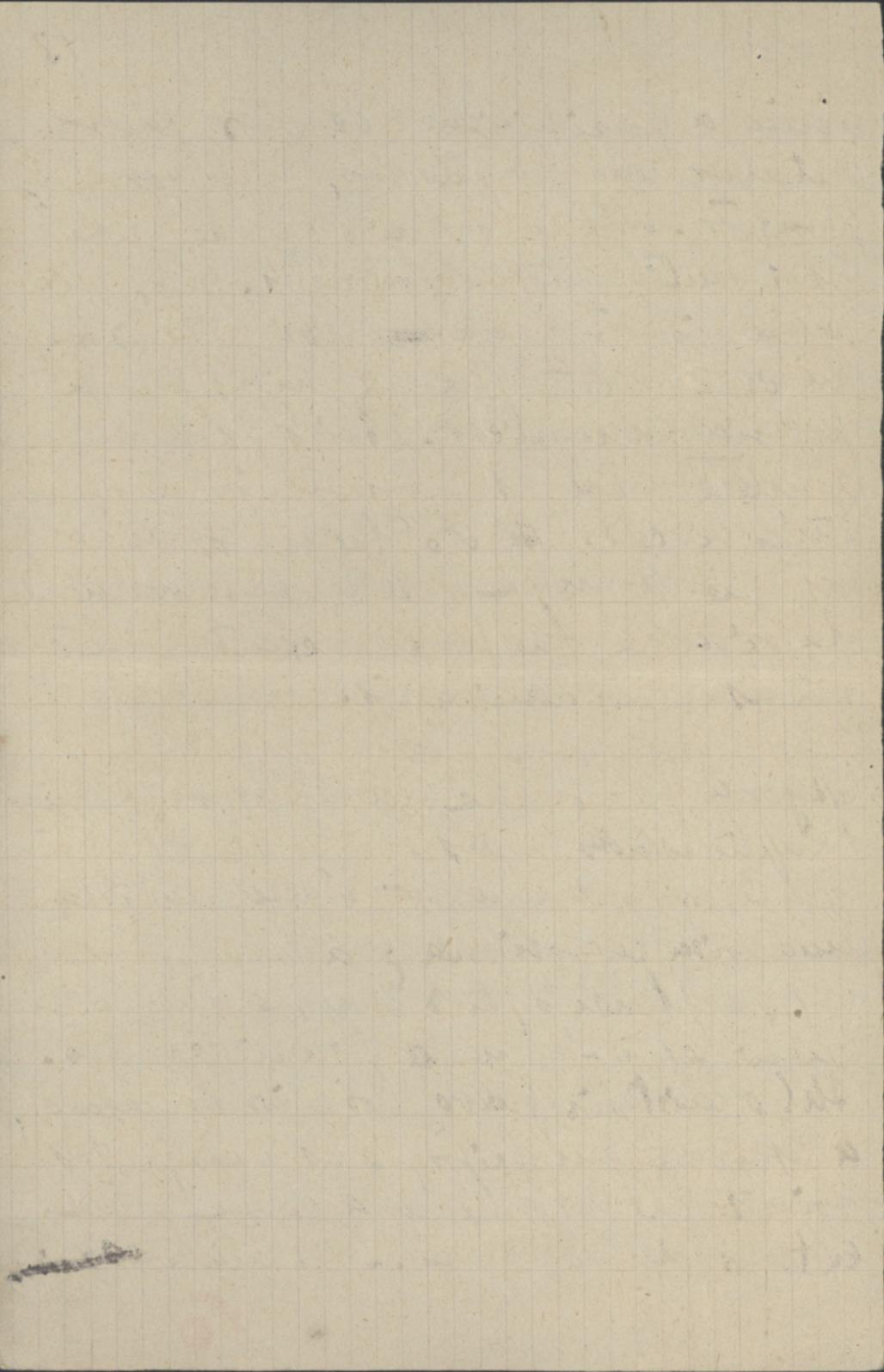


ainm a possibilidade de lhes fazer  
entender nem por palavras, nem por em-  
paragões. Sou eu o unico homem que  
esses sentimentos emocionam. Logo, seria  
necessario ter uma ~~vez~~ voz que os tra-  
duzisse visto que a ninguem a  
podia comunicar. Aliás o mesmo  
acontece com as horas mais belas que  
têm vivido. ~~A~~ Po' lhe posso dizer  
as que de longe se assemelham ás  
da vida e que por isso exactamente  
são as mais admiráveis.

Agora passo-lhe a esboçar algumas  
irregularidades novas.

Um corpo de mulher é seu duvida  
uma coisa maravilhosa; a fora de um  
corpo esplendido, todo um, é um proem  
queri extra-humano, queri de entro.  
Alí o misterio fulvo dos reos esmagados,  
a escovar em heijos, e as mes pontas  
loiras que no roçam a carne em  
exteres de marmore... as pernas ~~seguras~~



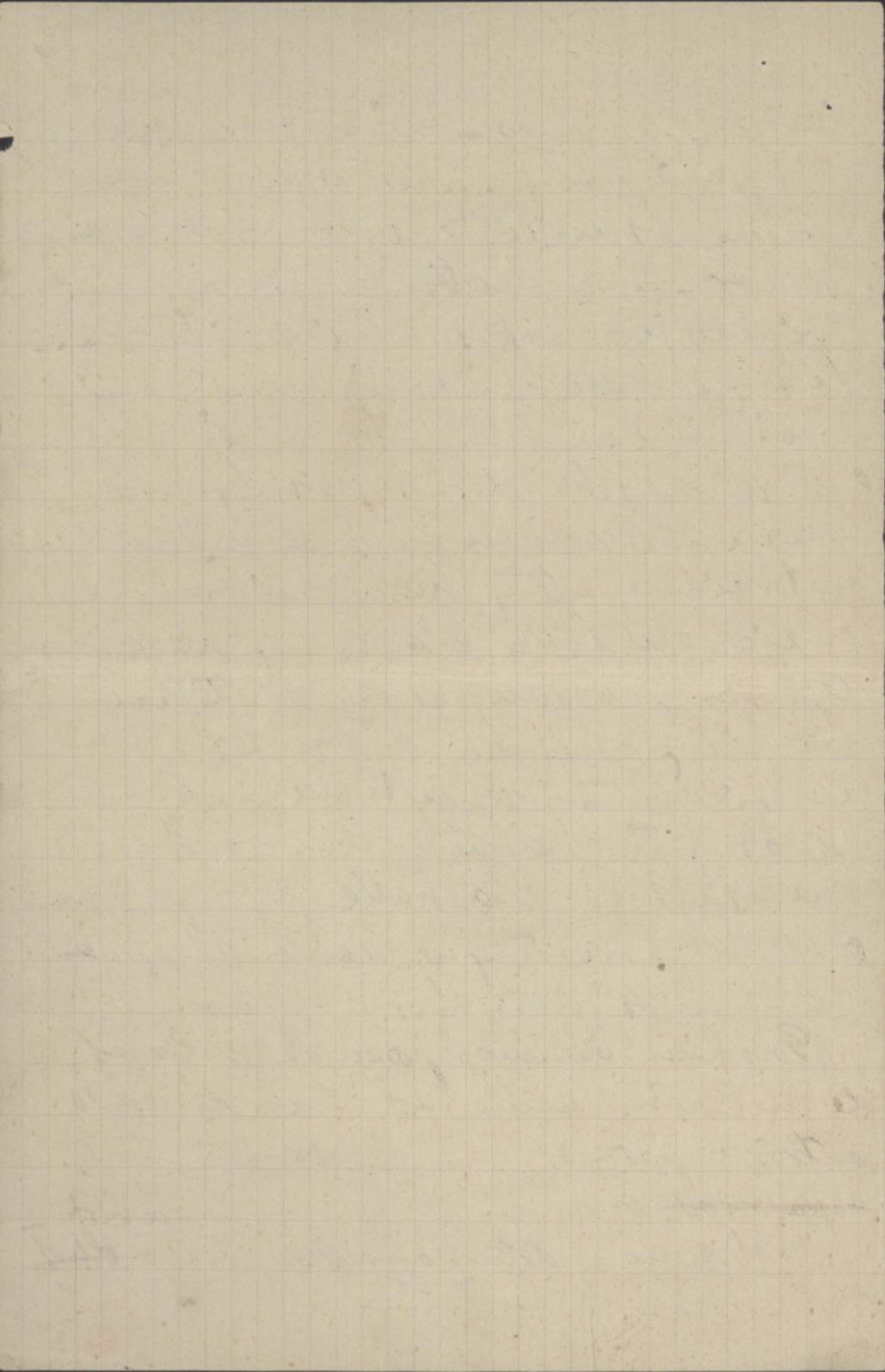


nervosas, aceras - vibrações lampiugas  
 de orgão impenal... os lábios que  
 foram esculpido para unir de  
 amor... os dentes que rangem e  
 grefam no espasmo ilimitado...  
 Pim, e' helo, tudo isso e' limite  
 helo! Mas o lamentavel e' que por  
 essas formas ha de porvir toda essa  
 helera. E quem sabe, se os espasmos  
 entoreidamente, haja hiço de  
 ansia em toda a carne, haja um  
 deduzer, o sangue corra até...

Por fim, sempre os dois sexos se  
 acariciará, se entrelaçarão, se  
 devorará, e tudo acabará em  
 um espasmo que hade ser sempre  
 o mesmo visto que reside sempre  
 no mesmo orgão!...

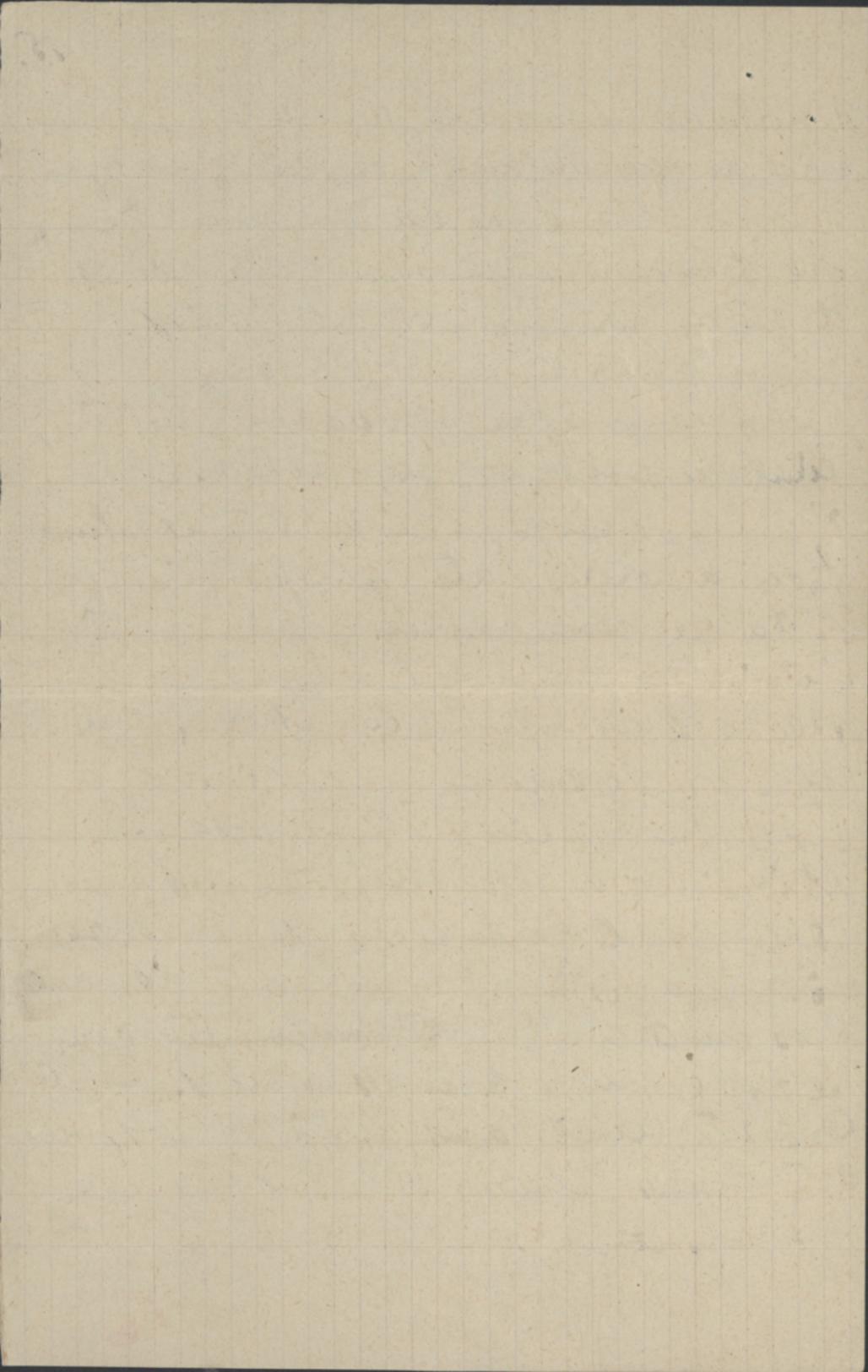
"Pois heu! Eu tenho possuido mulheres  
 de mil outras maneiras, tenho delirado  
 outros espasmos que residem noutros  
 espasmos orgãos.

« Ah! como e' delicioso possuir com a vista...

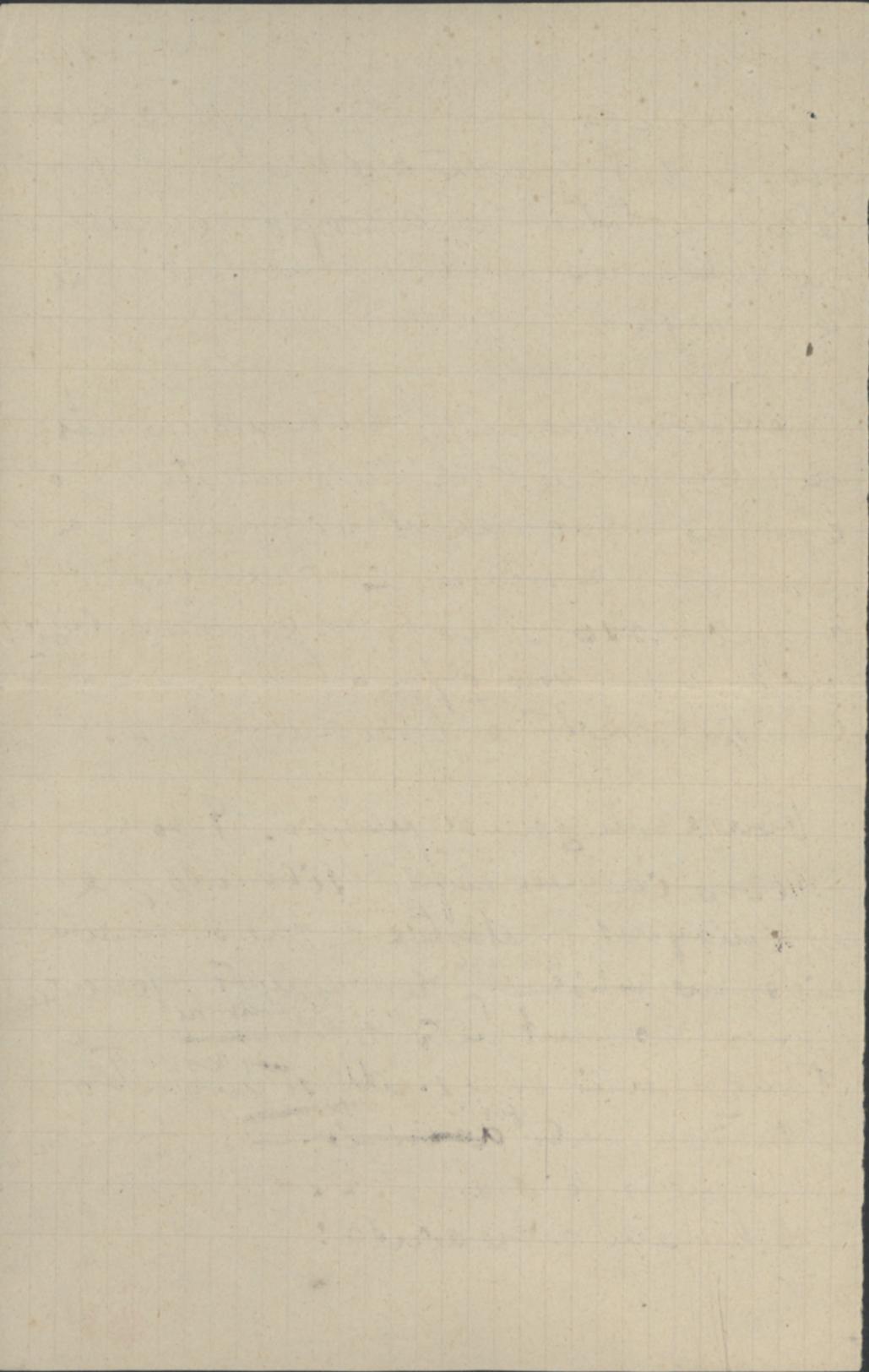


A nossa carne não toca, nem de leve, a  
 carne da amante tua. Os nossos olhos, é  
 os nossos olhos, é que lhe sugam a língua e  
 lhe trincam os seios... Um rio esculpe  
 diante de nos peregrina pelas veias, os  
 nossos nervos tremem todos como as  
 cordas duma lira, os cabelos rentem,  
 dilatam-se os músculos... e  
 o olho, de longe, vendo, <sup>exaurido</sup> vão exgotando  
 toda a beleza, até que por fim a  
 vista se nos amplia, o nosso corpo  
 inteiro vê, um estremecção nos  
 sacode e um espasmo ilimitado, um  
espasmo de soubra no divide a  
carne em arria ultrapassada...

Atingimos o gozo máximo... Passamos  
 igualmente um tempo de mulher  
 só em a vista. Passamos fisicamente,  
 mas materialmente como também  
 se pode amar em as almas. O que  
 são tão mais doces, mais breves, mas  
 tão mais deliciosos os espasmos que  
 nos abismam.







— A vida é um lugar comum. Eu soube evitar em lugar comum. E is tudo.

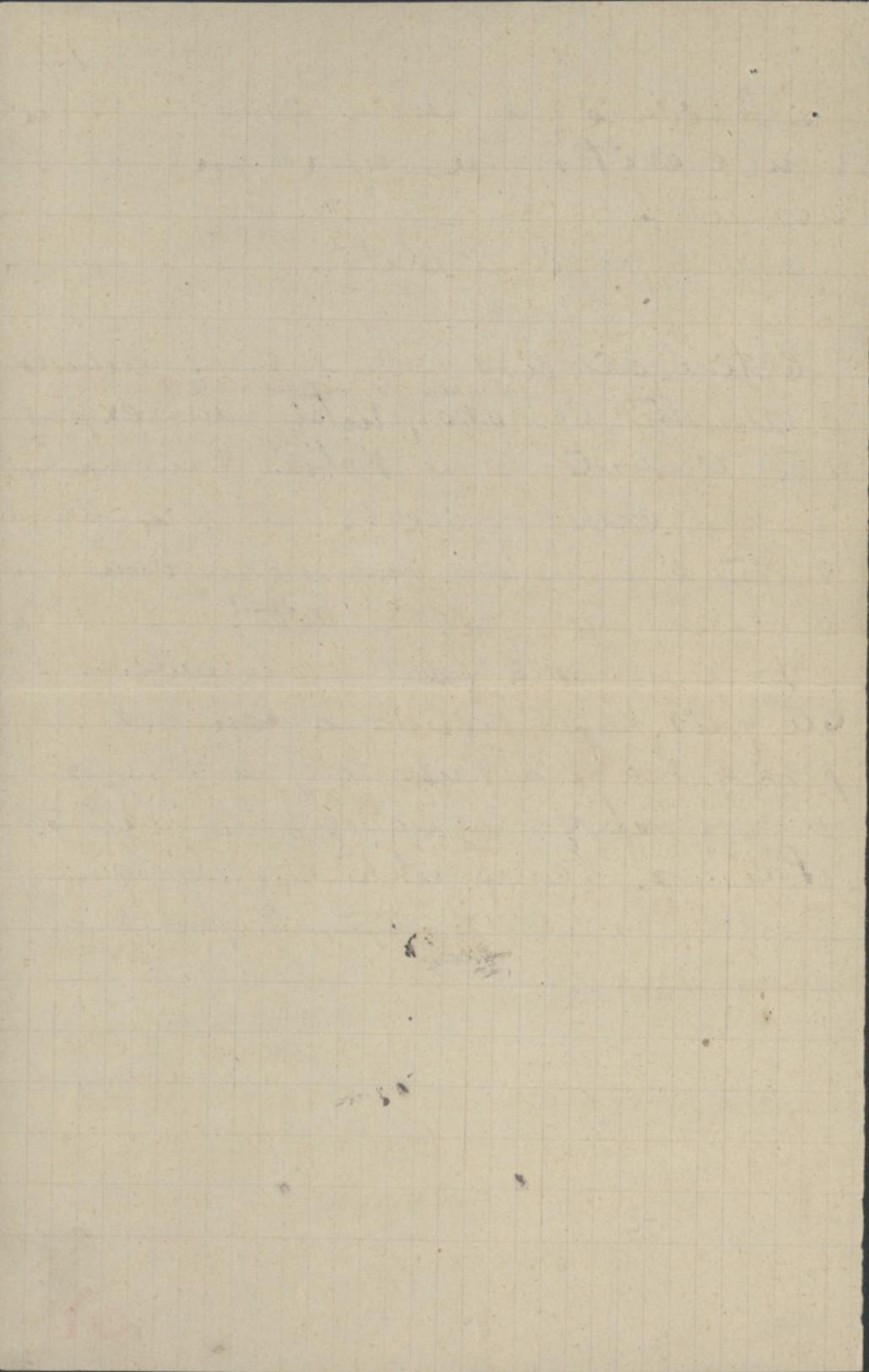
E mandou vir a dentro.

Estive dois dias sem o ver. Quando o encontrei de novo, <sup>a mesa do restaurante</sup> notei uma expressão diferente no seu rosto. Em português:

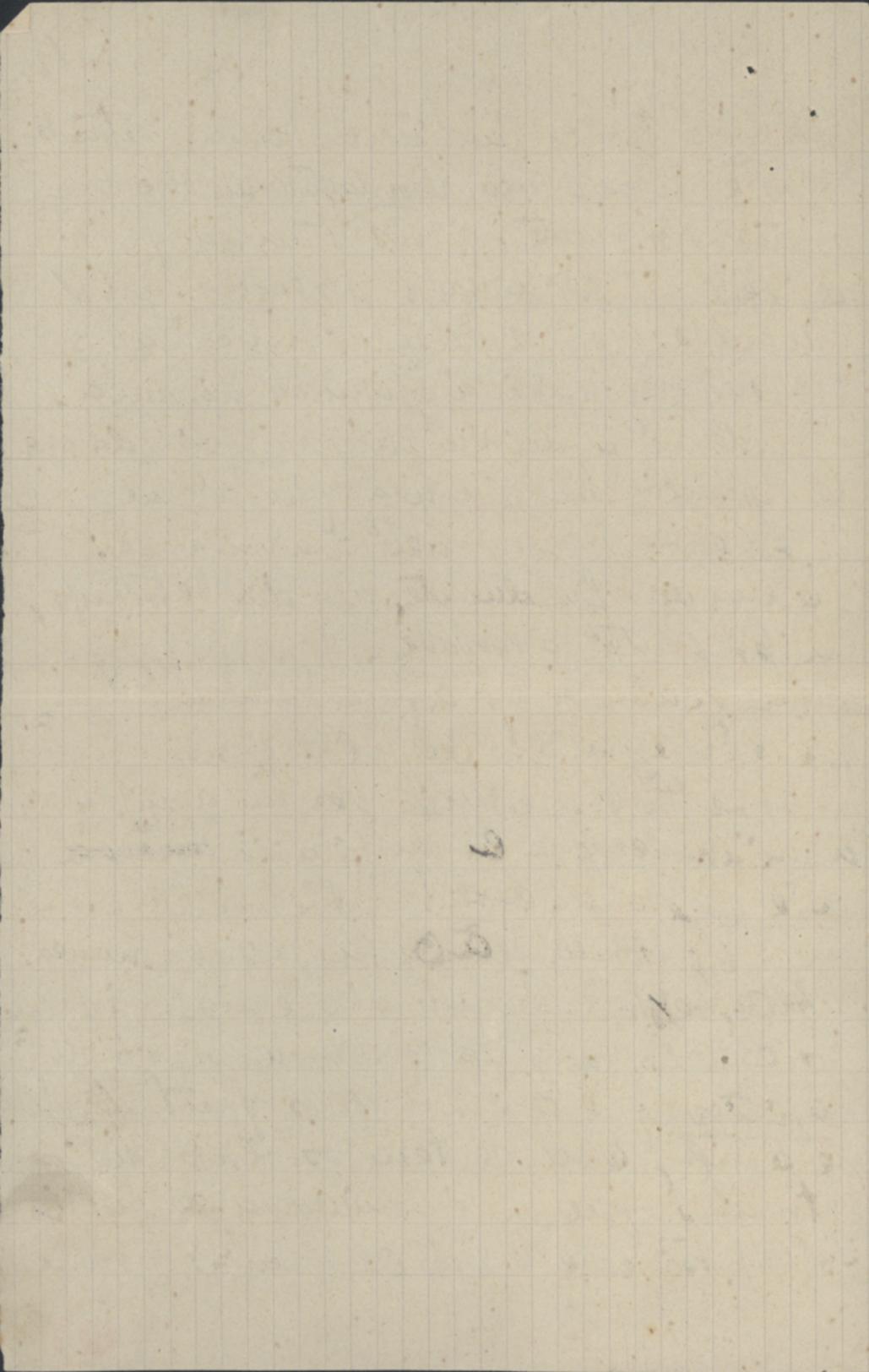
— Já conheço o ideal. Não fui de evitar é meus belos do que eu imaginava. E o meu amigo que têm feito?

Foemos-nos a falar de banalidades. Eu quis levar ainda a conversa para a sua vida solitária, mas todos os meus esforços permaneceram inúteis.

Sainos. Acompanhou-me até casa. Deu-me as boas noites. Depois, nunca mais o vi.



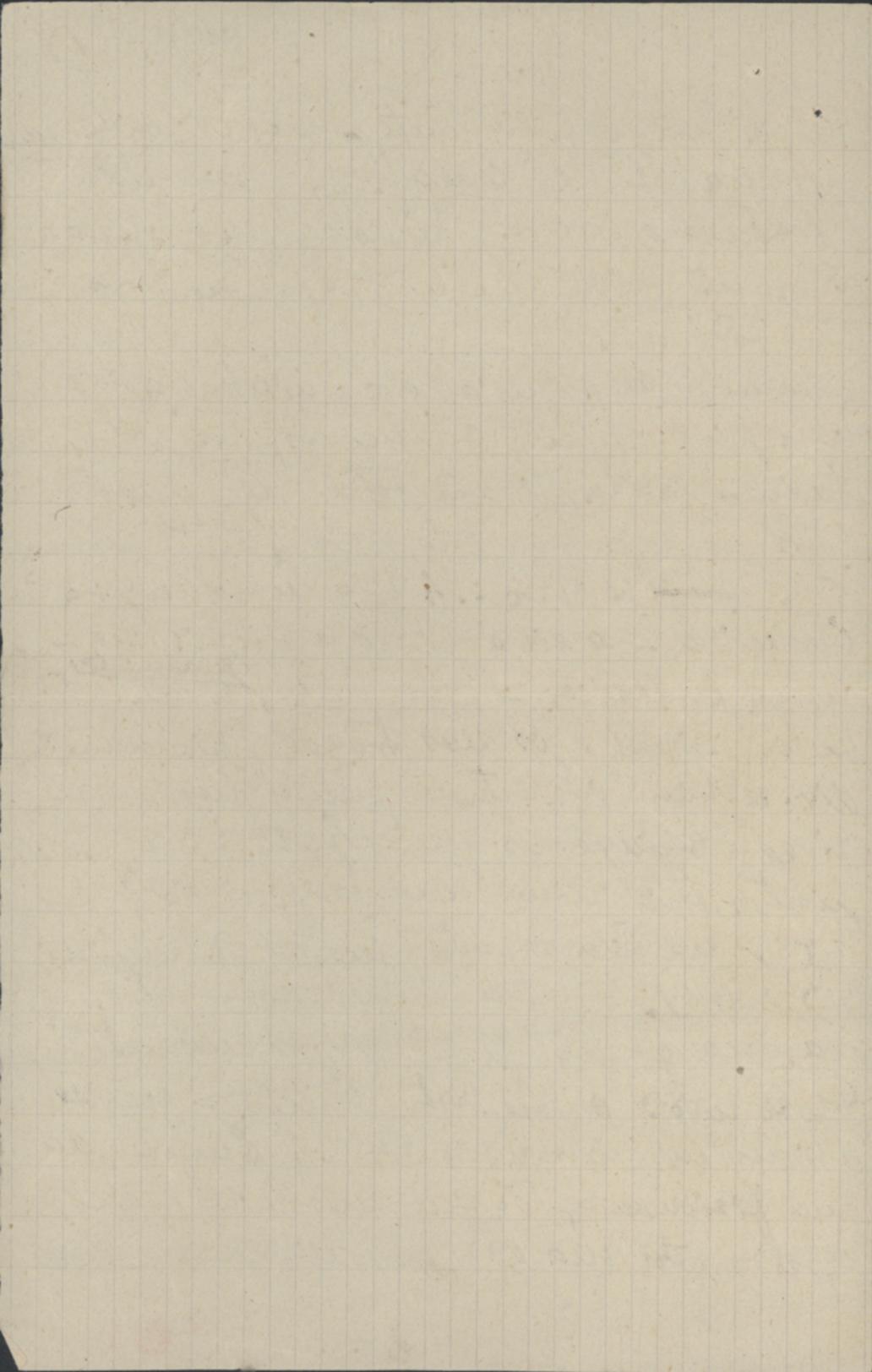




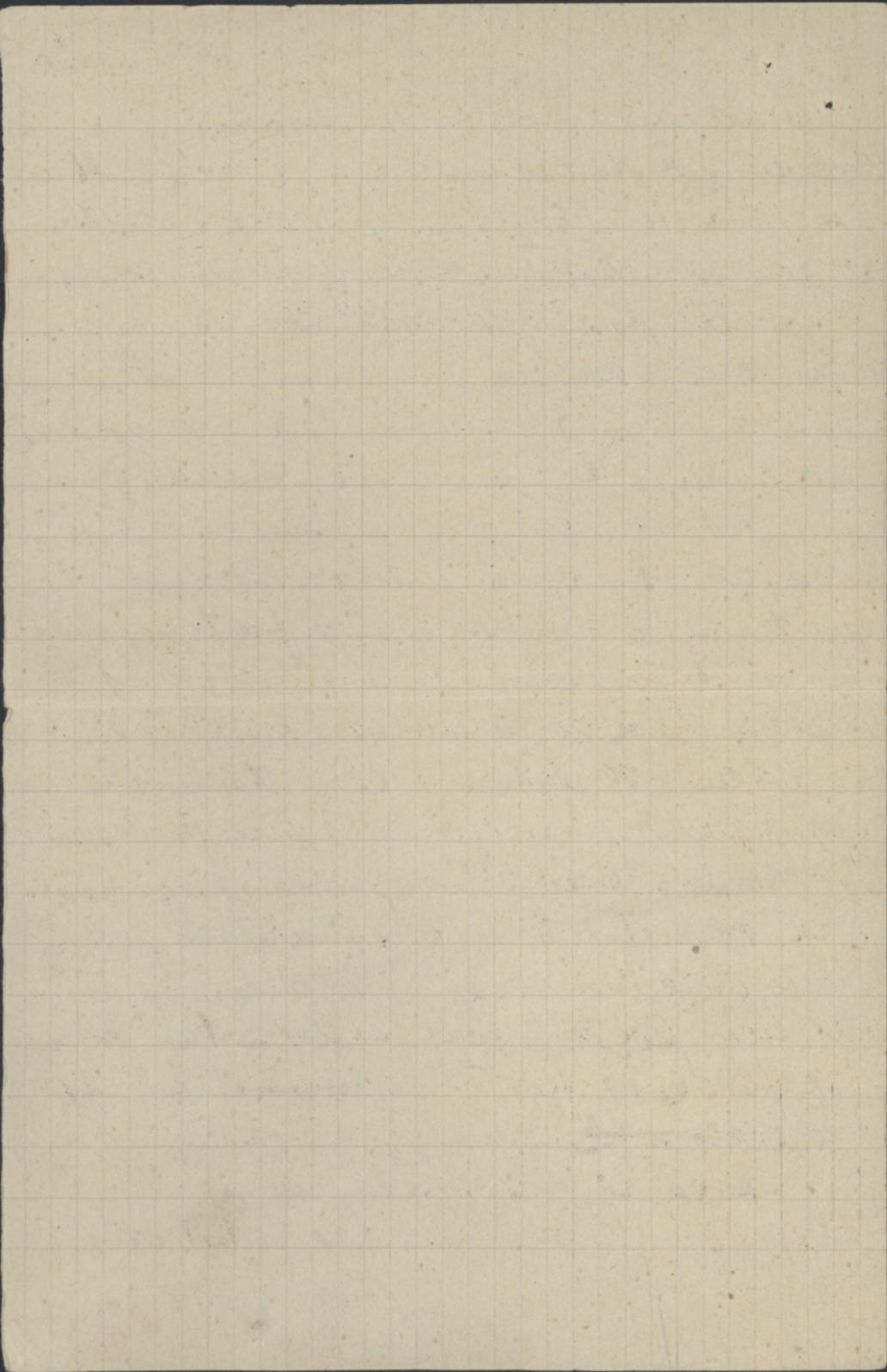
de um brilho fulgorante - mas não brilhavam.

A sua voz de calafrio, passando abafada e sonora, parecia vir duma garganta falsa que não existia no seu corpo.

Quando se espiava e caminhava, os seus passos agéis, silenciosos, longos, davam a impressão total de que os seus pés, em marcha aérea, não respingavam ~~no~~ no solo: A sua marcha era indocila - e eis aqui o mais bizarro - como indocila e brumosa <sup>igualmente</sup> foram as suas feições. Os seus traços fisionómicos div. se - liam inconstantes, sendo quasi impossível abrange-los em conjunto: Um grande pintor teria uma real dificuldade em fixar na tela o rosto móvel do homem dos sonhos. Quem longas horas o tivesse na sua frente, não o ficava sustando conhecendo: ~~o seu~~ <sup>aquêle</sup> rosto fugitivo não se apreendia em longas horas; e enfim, da sua fisionomia, do seu andar, dos seus gestos, da sua voz, passatava esta impressão:



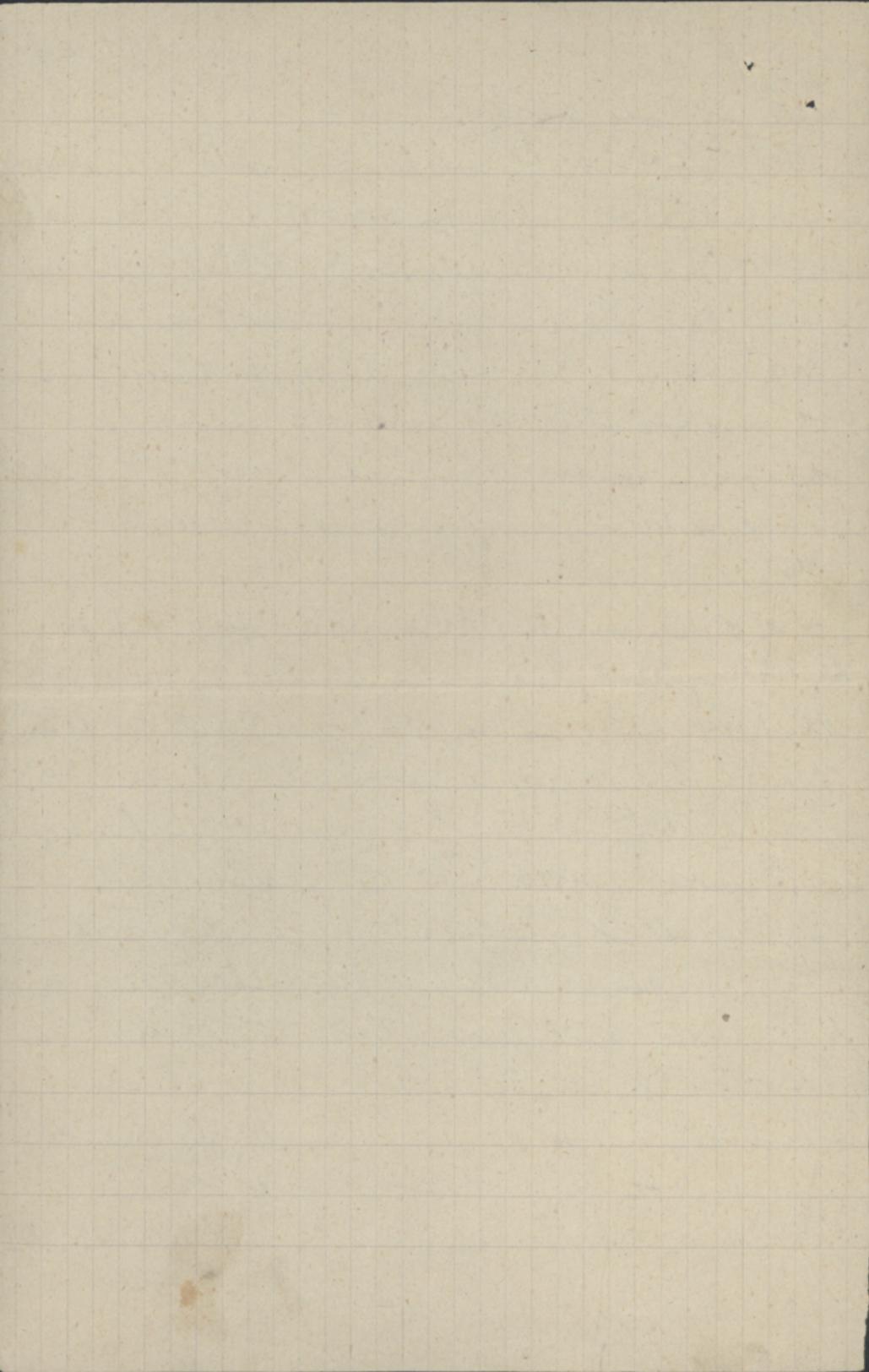
O desconhecido era uma criação de  
 bruma, indefinida e vaga, irreal... Uma  
criatura de sonho! — passou em si  
 e viveu pelo espírito como um relampago  
 de eternidade. Uma criatura de sonho!  
 Sim, o meu homem era perfeitamente con-  
 paravel ás personagens que nos surgem  
 nos sonhos e que nós, de manhã, por  
 maiores esforços que empregamos, não  
 conseguimos reproduzir inteiramente  
 materializadas porque nos faltam por-  
 tões do seu desenho: se o olho nos  
 lembrou, esqueceu-nos a expressão  
 da boca, se sabemos com estranheza  
 dos cabelos, fugiram o tom fantástico  
 dos olhos. Deu-me, o meu impres-  
 sível reconstruir o conjunto da persoa-  
 gem indecisa que entrámos buscando.  
 As suas feições escapam-nos — tal como  
 escapavam as feições do ~~maranhão~~ del  
~~contado~~. ~~O~~ <sup>depenhendo um aranhoso</sup> ~~homem literário~~  
 Queria dizer: o ~~homem literário~~ <sup>depenhendo um aranhoso</sup> era  
 uma figura de sonho — e entretanto



uma figura real.

Elas foi precisamente quando, eu estava  
 eu suscitara já esta linguagem dardade,  
 que o segredo admirável se me voltou  
 em vida fixa. Temei quasi eu bidecer,  
 e não sei o que teria sido do meu po-  
 bre cerebro que a asa do mistério  
 rogara - se por fim não empurra  
 mergulhar mais fundo o abismo  
 a vida:

Se o homem do sonho era uma figura  
 de sonho, mas, ao mesmo tempo, uma  
 criatura real - havia de viver uma  
 vida real. A nossa vida, a minha vida,  
 a vida de todos nós? Impossível. A sua  
 existência odiosa ele comprara - não  
 poder resistir. Deu-me a vida -  
~~estava bem provado~~ - a sua atitude era  
 a duma criatura de sonho. Sim, duma  
 criatura irreal, indecisiva, de feições vagas  
 e indecisas. Logo, o descalço maravilhoso  
 não vivia a nossa vida. Mas se a não  
 vivia e entretanto surtia vagamente um



e porque a sonbar.

É eis como eu pude entrever o infinito.  
 O homem estranho sonbara a vida, vivia  
 o sonho. Mas vivemos o q̄ existe — as  
 coisas belas pó temos força para os sonbar.  
 Pinguanto que êle não. Ele derrubara  
 a realidade, endonando-a ao sonho. E  
 vivia o irreal. ~~Vivia o irreal!~~

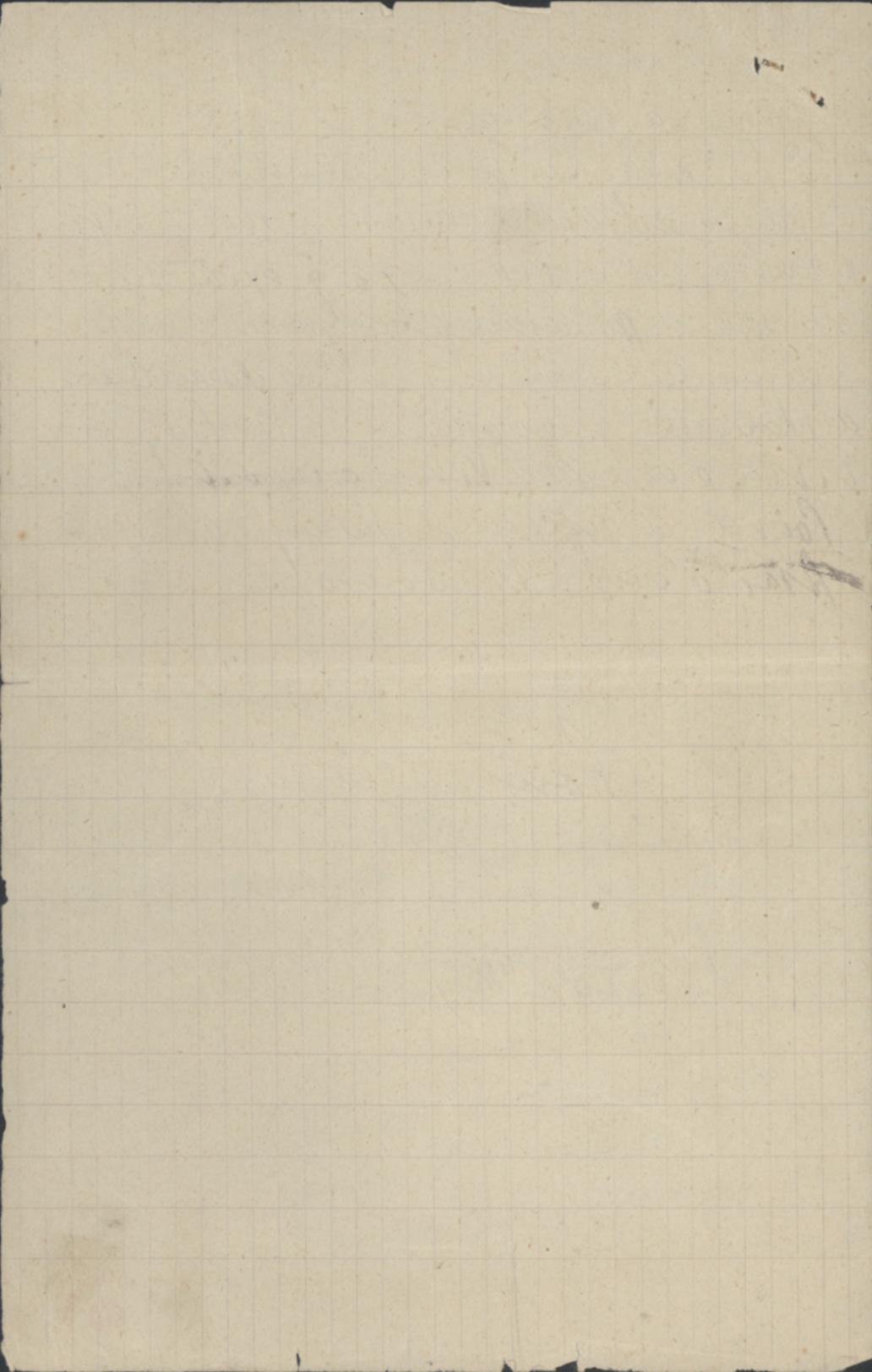
Poira a ascender quimorisada...

Mas d'ouro! Mas d'ouro!...

Paris - Março de 1912

Mário de Sá-Carneiro





NSQ/10

01624

Jard. Bonragos-

Barradas-

Jery